



Filosofia Ubuntu e diálogos inter-religiosos, uma perspectiva junguiana.

Alexandre Frank Silva Kaitel¹

Resumo

A religiosidade brasileira é plural, apresenta-se sincrética e multifacetada. Apesar disso, a convivência entre organizações e pessoas de diferentes crenças ainda é marcada pelo preconceito, principalmente contra religiões com matrizes africanas. O preconceito pode ser explicado tanto por aspectos sociais, ligados a uma desvalorização histórica das religiões diaspóricas africanas no Brasil; quanto por aspectos psíquicos, projeções de características sombrias dos sujeitos nas religiões. Uma das possibilidades de enfrentamento deste quadro é a implementação de diálogos inter-religiosos; principalmente quando o diálogo inclui aspectos místicos de vivência das celebrações religiosas da religião com a qual se dialoga. Para o psiquiatra e psicoterapeuta C. G. Jung, a vivência mística auxilia na constelação de energia inconsciente para a realização da função transcendente da psique, necessária a seu desenvolvimento saudável. Neste trabalho apresentamos, partindo da pesquisa bibliográfica e da observação participante de processos de diálogos inter-religiosos realizados pelo REPLUDI – grupo de pesquisa sobre Religião, Pluralismo e Diálogo Inter-religioso do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas, características da filosofia Ubuntu, de origem africana, e sua utilização na justificativa teórica para diálogos inter-religiosos. Esta filosofia baseia-se na ideia central que somos seres-com-outros, em um fluxo de relações que define nossas identidades como plurais e processuais. Somos seres plurais, pois cada relação com outros seres nos define parcialmente, o que vai contra a ideia ocidental moderna de indivíduos autônomos; e processuais, pois cada vivência relacional nos modifica, o que contradiz a ideia de estrutura de personalidade imutável apontada por algumas teorias psicológicas. Apresentaremos também uma leitura junguiana sobre como diálogos inter-religiosos embasados pela filosofia Ubuntu podem favorecer a função transcendente da psique humana na compensação de unilateralidades neuróticas dos indivíduos e da cultura brasileira. Finalizando acrescentaremos à discussão críticas a respeito da ingenuidade, percebida por alguns líderes religiosos e estudiosos, no engajamento em diálogos inter-religiosos realizados pelas religiões com matrizes africanas; e nossa proposta para enfrentar a questão.

Palavras chave: Diálogo inter-religioso. Ubuntu. Religiões afro-brasileiras. Psicologia analítica junguiana.

Introdução.

Acreditando que a ciência não é neutra, mas posicionada, inicio o texto delimitando meu lugar de fala. Sou psicólogo, professor de psicologia e doutorando em Ciências da Religião. Sou também médium umbandista e participante do REPLUDI – grupo de pesquisa sobre Religião, Pluralismo e Diálogo Inter-religioso do Programa de

¹ Psicólogo, mestre em Psicologia, doutorando em Ciências da Religião na PUC Minas.



Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas. Deste lugar, falo do diálogo inter-religioso como aparece no campo, com suas humanas imperfeições e demandas por poder e reconhecimento, mais do que do ideal de como deveria ocorrer este diálogo. Falo também do lugar de fiel de uma religião com matriz africana, minoritária em termos tanto de poder social quanto numérica no Brasil.

No doutorado estudo os processos de subjetivação pelos quais os médiuns desenvolvendo passam em seu tornar-se médiuns umbandistas. Esse texto que aqui apresento, tangencia meu objeto de pesquisa no doutorado, estando mais ligado a meu trabalho de extensão de buscador de diálogos inter-religiosos.

Algumas das propostas para solucionar o problema da implicação pessoal de quem estuda religião vão desde o ateísmo metodológico à necessidade de empatia pelo objeto. Outra proposta metodológica no tratamento científico das religiões aponta para a necessidade de se explicitar as próprias convicções em relação à religião e eventuais laços com igrejas, templos, terreiros ou quaisquer outras formas institucionalizadas de religião (NUNES, 2007, p.105)

Iniciaremos a explanação escrevendo do contexto brasileiro contemporâneo. Depois apontamos alguns aspectos do diálogo inter-religioso, da visão acerca das religiões na psicologia analítica junguiana, e da filosofia Ubuntu. Terminamos apontando a pertinência percebida para a prática de diálogos inter-religiosos apoiados nas visões junguianas e Ubuntu, e de algumas questões que nos interpelam quando buscamos o diálogo a partir de religiões minoritárias com matrizes africanas.

O Contexto brasileiro contemporâneo

No mundo contemporâneo, a vinculação da verdade com a ciência suplantou a vinculação da verdade com a religião, predominante na idade média. Existia a perspectiva, hoje considerada ingênua, de que os avanços tecnológicos resolveriam a maioria das questões humanas e produziriam aumento do bem estar geral.

A falsa promessa de felicidade suprema, de uma espécie de paraíso ou de salvação que viria com o desenvolvimento, já não era mais o discurso religioso, mas da ciência moderna. Ora, o modelo de desenvolvimento não trouxe a prometida felicidade, antes revelou tantas contradições que a humanidade é capaz de produzir que a crise existencial se tornou inevitável diante da constatação da impossibilidade e da irrealidade da promessa. (ROESE; SCHULTZ, 2014, p.494-495)

Na contemporaneidade, com a quebra desta esperança, entra em cena uma crise de sentido. Esta crise de sentido é provocada, por um lado, pela dilapidação dos sistemas tradicionais de valor que nos norteavam (ligados principalmente, no ocidente, à religião cristã, ao modo de produção capitalista e à família burguesa) e por outro pela vontade de



sentido que constitui a vivência humana. Para responder a essa crise de sentido surge uma tendência de retorno do sagrado. Assim, o ser humano contemporâneo se percebe frente à tarefa de se constituir frente à crise de sentido, influenciado por um mundo em constante transformação e onde coexistem sistemas de valores diferentes. Um mundo complexo e multifacetado.

Teixeira (2007) entende que o agravamento dos preconceitos religiosos se deve à perda de sentido da existência ocorrido na contemporaneidade. O autor afirma que frente a essa carência de sentido e à pluralidade de opções religiosas existentes, o sujeito pode responder se abrindo às diferenças ou adotando posturas fundamentalistas. As posturas fundamentalistas se ligam a duas estratégias defensivas: na primeira “ocorre um fechamento comunitário, é a estratégia do gueto. No segundo caso, mais ameaçador, adota-se a estratégia da cruzada, ou seja, o caminho da reconquista da sociedade em nome da tradição religiosa particular” (TEIXEIRA, 2007, p.13). Essa segunda estratégia pode facilmente descambar para atos de violência, tanto simbólica quanto física, como temos visto com frequência na sociedade brasileira atual.

Diálogo inter-religioso

A postura de abertura às diferenças cria situação propícia para diálogos inter-religiosos, entre religiões e outros grupos sociais. Queiruga (2007 p.138) afirma que no mundo atual há, mais do que em qualquer outra época, um contato entre as religiões. O autor acredita que “todas as religiões podem sair ganhando de um encontro honesto, aberto e respeitoso com as demais”. Segundo Panasiewicz (2016) o diálogo inter-religioso se apresenta hoje às tradições religiosas tanto como um desafio quanto uma possibilidade. Para ele o diálogo inter-religioso tem dois objetivos: 1) ampliar a concepção de Deus presente em cada tradição religiosa (ad intra). E acrescenta: “a maneira com que um apresenta sua experiência do transcendente pode possibilitar ao outro despertar uma presença real, mas adormecida, do Mistério Divino” (PANASIEWICZ, 2016, p.40); 2) o diálogo inter-religioso visa propiciar mais vida para a humanidade. “O encontro entre tradições religiosas carrega consigo uma exigência ética que é a de promover a vida e a paz, sobretudo para as comunidades que participam do diálogo” (PANASIEWICZ, 2016,



p. 40). Para alcançar esses objetivos é fundamental ter clareza de que o diálogo inter-religioso não visa à conversão, mas o encontro.

Panasiewicz (2016) apresenta quatro níveis de encontro inter-religioso, com suas respectivas formas de diálogo:

a) Nível existencial: presença e testemunho. Diz respeito à vivência espontânea e natural dos valores internalizados pelos fiéis no interior de uma tradição cultural e religiosa a partir da convivência com eles em ambientes não religiosos. Admirar uma pessoa e descobrir que ela é de uma religião específica pode provocar a aproximação subjetiva com essa religião. b) Nível místico: oração e contemplação. No nível místico as pessoas são chamadas a participar dos rituais de outras religiões. Neste nível compartilha-se a experiência comunitária e a experiência contemplativa da fé perante o Ser, além das diferentes metodologias de se aproximar do Absoluto. c) Nível ético: libertação e promoção do ser humano. O nível ético é o nível do diálogo, “das ações e da colaboração com objetivos de caráter humanitário, social, econômico e político que se orientem para a libertação e promoção do homem” (PANASIEWICZ, 2016, p. 47). d) Nível teológico: enriquecimento e aplicação dos patrimônios religiosos. É o diálogo dos especialistas.

Religiões na psicologia analítica junguiana

A psicologia analítica é uma teoria muito utilizada na compreensão de fenômenos religiosos. Isto ocorre pela importância central do tema religião na obra de Jung e da valorização positiva do imaginário religioso, percebido como possibilidade de promoção de saúde através da função transcendente da psique. Jung estudou, principalmente, aspectos universais da experiência religiosa; aspectos que estariam presentes em quaisquer religiões.

A psicologia analítica postula que a estrutura psíquica humana inclui o ego, o inconsciente individual e o inconsciente coletivo. O ego é a parte operacional e centro das escolhas. O inconsciente individual é depositário de todas as vivências ocorridas com o sujeito durante sua vida; ele é formado por complexos. Complexos são ideias carregadas de energia, que se diferenciam do ego devido “a influências traumáticas ou a tendências incompatíveis” (JUNG, 2000, p.57). O inconsciente coletivo é depositário de todas as vivências ocorridas com a espécie humana. O inconsciente coletivo é composto por arquétipos, marcas deixadas pela repetição de fenômenos universais de carga emocional



significativa. Arquétipos são “esquemas de pensamentos coletivos da mente humana” (JUNG, 1977, p. 75), são predisposições a reagir emocionalmente e a criar imagens similares quando expostos a situações similares.

Os arquétipos possuem autonomia frente aos aspectos egóicos do sujeito. Autonomia no sentido dos arquétipos e complexos psicológicos funcionarem seguindo lógica diversa, muitas vezes percebida como exterior ao sujeito. “os arquétipos são, assim, dotados de iniciativa própria e também de uma energia específica” (Von Franz, 1977, p.75). Apesar do inconsciente coletivo ser único, a influência que tem nos sujeitos não é idêntica pelo fato da atuação dos arquétipos ser influenciada por conteúdos do inconsciente individual e do ego. “Cada novo conteúdo que vem do inconsciente é alterado na sua natureza básica ao ser parcialmente integrado na mente consciente do observador” (Von Franz, 1977, p. 308). Além disso, não acessamos os arquétipos diretamente, e sim, através das imagens simbólicas, essas influenciadas pela cultura onde o sujeito se insere.

A função transcendente “resulta da união dos conteúdos conscientes e inconscientes” (JUNG, 2000, p.1) e possibilita a compensação das unilateralidades do ego e da cultura dominante. Possibilita também trazer mais vitalidade à vivência humana através da assimilação dos símbolos numinosos, e uma adequação desta energia ao momento atual da vida da pessoa. Como escreve Byington (1988, p.14): “a grande função do símbolo é a intermediação da consciência e do inconsciente coletivo para estruturar o ego”. Na vivência religiosa os sujeitos entram em contato com vários símbolos e imagens religiosas, e podem utilizá-las para melhor estruturar seu ego.

A teoria junguiana procura entender e explicar como a vivência simbólica constela energia inconsciente e como esta influencia no viver e no desenvolvimento da subjetividade. Um símbolo é uma palavra ou imagem que “implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou imagem tem um aspecto inconsciente mais amplo...” (Von Franz, 1977, p.20). Símbolos religiosos são aqueles que possuem um papel específico ligado à construção de sentido vivencial. Para Jung (2003) o objetivo da religião hoje é manter a saúde espiritual dos sujeitos suprimindo a carência de sentido presente na vivência contemporânea.

Consideramos os complexos pessoais compensações de atitudes unilaterais ou censuráveis de nossa consciência; do mesmo modo, mitos de natureza religiosa podem ser interpretados como



uma espécie de terapia mental generalizada para os males e ansiedades que afligem a humanidade (Von Franz, 1977, p.79).

Filosofia Ubuntu

Uma influência da cultura e religião tradicional africana sub-saariana que se faz presente nas religiões de matriz africana Bantu², é a filosofia Ubuntu. Utilizamos o termo “filosofia” por ser este o mais usado em estudos sobre o tema, mas apontamos que em um conceito estrito Ubuntu não é filosofia; na cultura tradicional africana sub-saariana não se faz a diferenciação entre filosofia, religião e senso comum como acontece nas culturas ocidentais do norte.

O Ubuntu baseia-se na ideia central que somos seres-com-outros, em um fluxo de relações que define nossas identidades como plurais e processuais. Somos seres plurais, pois cada relação com outros seres nos define parcialmente, o que vai contra a ideia ocidental moderna de indivíduos autônomos; e processuais, pois cada vivência relacional nos modifica, o que contradiz a ideia de estrutura de personalidade imutável apontada por algumas teorias psicológicas. A filosofia Ubuntu traz a ideia de que as existências estão conectadas entre si e que há uma inter-relação entre elas que as justificam simultaneamente. Desse modo, Ubuntu caracteriza-se por uma perspectiva de humanidade que foge a lógica iluminista autocentrada e contradiz os princípios de sociabilidade ocidentais calcados no individualismo.

“A percepção de ubuntu sobre o outro nunca é fixa ou rigidamente fechada, mas ajustável ou em aberto. Ele permite que o outro seja, torne-se” (FUENTES, 2014, p.191). Esses outros com os quais nos relacionamos não incluem apenas outros seres humanos vivos, se abrindo também para os que ainda não nasceram e para os relacionamentos com os ancestrais divinizados, os Minkise³.

Sendo seres-com-outros, precisamos, de acordo com a filosofia Ubuntu, estabelecermos relações de respeito e compaixão, e construir sociedades em que regras de conduta sociais cooperativas se sobreponham às competitivas. A filosofia Ubuntu pode

²Bantu, banto ou bantú: Há várias formas de grafia desta palavra, todas significando o grupo linguístico presente na porção subequatorial do continente africano, que abrange vários países, por exemplo, Angola, República do Congo e Moçambique, segundo os autores de referência. Optamos, neste texto, por Bantu, contudo, preservando o original das grafias nas citações usadas ao longo deste.

³Minkise: palavra plural de N’kisi, oriunda do dialeto Umbundu, Kimbundu e Kicongo, usada para designar as divindades originárias do panteão de tradição Bantu (povos pertencentes à região subequatorial do continente africano). Palavras análogas a Orixás/Orixá, pertencentes ao dialeto Yorubá.



servir “para resgatar uma parte da alma brasileira que poderia nos ajudar a superar esse individualismo ocidental” (FUENTES, 2014, p.188)

Ubuntu é abertura ao diálogo e leva em consideração um tipo de particularidade, e também individualidade e historicidade que nos poderá ajudar a criar acordos baseados em critérios comuns. Que esse consenso, verdadeiramente trabalhado, nos inspire também a nos expor aos outros para encontrar a diferença. Para aprendermos a lidar com as diferenças na e da humanidade, da sua, e de cada um, a fim de nos informar e enriquecer a nossa própria humanidade (FUENTES, 2014, p.189).

Ramose (1999) postula que o Ubuntu tem caráter existencial e espiritual unificador, e que é ao mesmo tempo categoria ontológica e epistemológica no pensamento Bantu. Nesta perspectiva, a ontologia se caracteriza pelo estudo da natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres e a epistemologia, pelo estudo científico que trata dos problemas relacionados com a crença e o conhecimento, sua natureza e limitações, que se apresentam como características de uma realidade, a dos povos Bantu. Noguera (2011) defende uma filosofia da afroperspectividade, uma corrente de pensamento pluralista e reconhecadora da existência de diferentes perspectivas de realização da vida. A afroperspectividade tem a filosofia *Ubuntu* como colaboradora, visto que define a comunidade/sociedade nos termos de sua cosmovisão: a comunidade é formada pelas pessoas presentes, tanto as encarnadas (vivos) como as desencarnadas (ancestrais). Sendo assim, *Ubuntu* postula uma dinâmica de diálogo entre o mundos físico e o invisível, espiritual.

Uma análise da pertinência

As teorias apresentadas acima para justificarem os diálogos inter-religiosos partem de teologias e teólogos católicos e protestantes. Entendemos que uma justificativa a partir da filosofia Ubuntu, africana, pode contribuir para melhor delimitar a posição dos buscadores de diálogo vinculados às religiões com matrizes africanas no Brasil. Não pela filosofia Ubuntu trazer contribuições inéditas, nunca antes pensadas no ocidente, o que seria afirmação demasiadamente presunçosa; mas pela questão da representatividade, que auxilia na construção de uma auto-imagem mais positiva. Acrescentamos que este aporte positivo é necessário por estarem os fieis de religiões com matrizes africanas inseridos na cultura brasileira, que historicamente relegou as religiões diaspóricas africanas a uma situação de menor valor; “coisa de preto, pobre, periférico”, “religião primitiva”.

Essa visão universalista é um primeiro ponto de apoio para o diálogo inter-religioso, já que postula que as vivências dentro de todas as religiões podem igualmente



trazer saúde ou patologia aos sujeitos, não havendo hierarquização de religiões umas sobre as outras.

Isto vale também para as expressões religiosas. Religiões e religiosos precisam estabelecer relações respeitadas e cooperativas entre si, e o diálogo inter-religioso é um dos caminhos para isso.

Assim como acontece no diálogo inter-religioso, em seu nível ético, a filosofia Ubuntu nos coloca frente à necessidade de trabalharmos juntos para construir um mundo mais solidário e menos desigual. E assim como acontece no nível teológico do diálogo inter-religioso, nos impele a nos abirmos para adentrar respeitosamente no mundo religioso dos outros, e a convidá-los para adentrar no nosso. Nesta relação acabamos por nos modificarmos, modificarmos o outro, e modificarmos as religiões no sentido de enriquecê-las com aspectos do sagrado que são mais aparentes em outras religiões com as quais se dialoga.

Nem tudo são flores

Nas práticas de diálogo inter-religioso que temos implementado em Belo Horizonte, ouvimos de alguns líderes religiosos ligados às religiões com matrizes africanas que nossa proposta de diálogo era ingênua. Os líderes religiosos apontam duas questões pertinentes: a) a hegemonia católica nos processos de diálogo inter-religioso existentes, e o papel coadjuvante ocupado pelas religiões tradicionais de terreiro; b) a disputa de poder ocultada por propostas de diálogo.

Entendemos, inspirados em Foucault (1979), que toda relação social é permeada por uma relação de poder. Assim, nos diálogos inter-religiosos, estaria sempre presente uma negociação de poder, mesmo que implícita. Um de nossos papéis como cientistas da religião seria o de desvelar essas relações, e mais que isso, o de estabelecer situações sociais onde o poder possa deslizar para os grupos minoritários na busca de uma sociedade menos desigual. Uma das ações que utilizamos para desvelar essas relações de poder é a exigência que, no diálogo com as religiões com matrizes africanas, os sujeitos do diálogo participem de celebrações dessas religiões (nível místico do diálogo). Fazendo isso diminuimos uma postura de pseudoabertura, onde até se pode conhecer a religião do outro, mas não celebrar junto com ele. Muitos atravessamentos institucionais se fazem claros nessa hora, com algumas pessoas dizendo que mesmo que quisessem participar de



celebrações religiosas da Umbanda ou Candomblé suas organizações religiosas os impediam de fazê-lo.

Quanto à hegemonia católica, ela realmente existe; em parte por ser esta a religião com maior número de adeptos no Brasil, por grande número dos buscadores do diálogo inter-religioso ser vinculados à religião católica, e pela justificação teórica para o diálogo vir principalmente de teologias cristãs. Mesmo assim, entendemos que vale a pena correr os riscos de dialogar com o objetivo de diminuir os preconceitos religiosos, que como apresentamos, incide preferencialmente sobre as religiões com matrizes africanas. Este texto que apresentamos é uma tentativa inicial de criarmos uma justificativa umbandista para o diálogo, de maneira a não ficarmos dependentes de justificativas advindas de outras religiões.

Referências

- BYINGTON, Carlos. *Dimensões Simbólicas da Personalidade*. São Paulo: Ed. Atica, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FUENTES, L. A. Tornar-se o que se é no sentido da filosofia ubuntu africana e o sentido para a individuação na e da cultura brasileira. In BOECHAT, W. *A Alma brasileira: luzes e sombra*. Petrópolis: Vozes, 2014, p.171-193.
- JUNG, Carl G. *A Função Transcendente*. In JUNG, Carl G. *A Natureza da Psique*. Petrópolis: Vozes, p.1-23, 2000.
- JUNG, Carl G..*Fundamentos de Psicologia Analítica*.Petrópolis: Vozes, 2003.
- JUNG, Carl G.. *O arquétipo no simbolismo do sonho*. In JUNG, Carl G e col. *O Homem e Seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Novas Fronteiras, p. 67-92, 1977.
- NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista. *Revista da ABPN* • v. 3, n. 6 • nov. 2011 – fev. 2012 • p. 147-150. Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/renato_noguera_-_ubuntu_como_modos_de_existir.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2018.
- NUNES, Maria José Rosado. A sociologia da religião. In USARSKI, Frank (org.), *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, p. 97-119, 2007.
- PANASIEWICK, Roberlei. Os níveis ou formas de diálogo inter-religioso: uma leitura a partir da teologia cristã. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 240-261, abr/jun. 2016. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/597/624>>. Acesso em 02/08/2018.
- QUEIRUGA, Andrés Torres. *O encontro entre as religiões*. In _____ *Auto compreensão cristã: diálogo das religiões*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- RAMOSE, Mogobe B. *African Philosophy through Ubuntu*. Harare: Mond Books, 1999
- ROESE, Anete; SCHULTZ, Adilson. A decadência espiritual no nosso tempo e a busca humana pela existência autêntica. *Revista TheologicaXaveriana*, Bogotá – Colômbia, v.



64, n. 178, p. 487-514, jul-dez. 2014. Disponível

em: <<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/teoxaveriana/article/view/10980/9012>>

Acesso em: 01 jul. 2016.

TEIXEIRA, Faustino. O Pluralismo Religioso e a Ameaça Fundamentalista. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 10, n. 1 e 2, p. 9-24, 2007. Disponível

em: <<http://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/view/804>> Acesso em: 10 fev.

2016

VON FRANZ, Marie Louise. A Ciência e o Inconsciente. In JUNG, Carl G e col. *O Homem e Seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Novas Fronteiras, 1977.